



#### MISCELÂNEA

Revista de Pós-Graduação em Letras

UNESP – Campus de Assis

ISSN: 1984-2899

www.assis.unesp.br/miscelanea

Miscelânea, Assis, vol.9, jan./jun.2011



## AS CAMADAS DA MEMÓRIA NA NARRATIVA DE *LEITE DERRAMADO*

The layers of memory in *Leite derramado's* narrative

Adriana Dusilek  
(Doutoranda — UNESP/CNPq)

#### RESUMO

O objetivo deste artigo é refletir sobre o narrador de *Leite Derramado* (2009), de Chico Buarque de Holanda (1944-), destacando a poética da memória que por sua voz se depreende. Na narrativa de *Leite Derramado* depara-se com uma das imagens mais recuperadas por Eulálio ao lembrar de sua esposa, e que é também o título do livro, o leite derramado. Contribui para tal derrame o tom de oralidade que ecoa pela voz narrativa, deixando à mostra as várias camadas da memória do narrador, muitas vezes embaralhadas pela confusão espaço-temporal. O resultado é uma obra original e linguisticamente bem construída.

#### PALAVRAS-CHAVE

Chico Buarque; *Leite Derramado*; romance; memórias.

#### RESUMEN

La finalidad de este trabajo es reflexionar acerca del narrador de *Leite Derramado* (2009), de Chico Buarque de Holanda (1944-), enfocando la poética de la memoria que en él ha. La narrativa de *Leite Derramado* refleja una de las imágenes más recuperadas por Eulalio al recordar de su esposa, y que también es el título del libro, la leche derramado. Auxiliado aún por el tono de oralidad, ese derrame muestra la confusión de las memorias del narrador, resultando en un trabajo original y lingüísticamente bien construido.

#### PALABRAS-CLAVE

Chico Buarque; *Leite Derramado*; romance; memorias.

*São tantas as minhas lembranças, e lembranças de lembranças de lembranças, que já não sei em qual camada da memória eu estava agora.*

Chico Buarque (2009)

**P**or *Leite Derramado* (2009) Chico Buarque conquistou o prêmio Jabuti de melhor ficção do ano. Aparentemente despretensiosa, a obra une, ao mesmo tempo, domínio linguístico e simplicidade, e através da voz narrativa se vê erigida uma interessante poética da memória.

Visando a dar um efeito de oralidade, a narrativa possui um ágil ritmo, carregado de orações coordenadas e enumerações, dando uma sensação de “estilo derramado”, reforçando o título do livro, já que mimetiza a conversa informal de um homem centenário, de origem nobre, porém enfermo e decadente, que conta sua história às enfermeiras do hospital e a quem mais quiser ouvir. Acrescenta-se a isso um pouco da técnica do fluxo de consciência, com uma memória puxando a outra, e se misturando a outras mais. Como busca refletir a desalinhada mente de um ancião, que confunde personagens, tempo e espaço, assim também se mostra o discurso, com tais confusões espaço-temporais. Eulálio Montenegro D’Assumpção narra suas memórias fazendo questão de salientar sua origem nobre, desfiando sua linhagem desde os portugueses, passando por um barão imperial, um senador da República, indo até o tataraneto, com seus negócios escusos. A narrativa também é, pois, a história da descensão de sua família.

Como o que se pretende, nesse artigo, é destacar a poética da memória que o narrador constrói ao longo do texto, estarão presentes várias citações do próprio romance para evidenciar a permanente retomada da reflexão sobre a rememoração.

A lembrança de Matilde, esposa morta de Eulálio, é a mais evocada nas memórias do narrador. O trauma de sua ausência ressoa em suas lembranças: “Sem Matilde, eu andava por aí chorando alto, talvez como aqueles escravos

libertos de que se fala. Era como se a cada passo eu me rasgasse um pouco, porque minha pele tinha ficado presa naquela mulher". (BUARQUE, 2009, p.56)

A imagem do leite derramado, além da leitura sociológica de queda de uma casta, racista casta, mas cujos descendentes vão se misturando até a negritude do tataraneto, é retirada textualmente do episódio no qual Eulálio vê sua esposa Matilde, às escondidas, despejando leite de seu peito na pia do banheiro. É nesse momento que diz a Maria Eulália, sua filha:

[...] nunca lhe contei esse episódio? Então não o leve em conta, nem tudo o que digo se escreve, você sabe que sou dado a devaneios. De bom grado tornarei a lhe falar somente dos bons momentos que vivi com Matilde, e por favor me corrija se eu me equivocar aqui ou ali. Na velhice a gente dá para repetir casos antigos, porém jamais com a mesma precisão, porque cada lembrança já é um arremedo de lembrança anterior. (BUARQUE, 2009, p.136)

Essa última fala, sem dúvida, acaba sendo a tônica do discurso do romance, com cada lembrança como "arremedo de lembrança anterior", e "jamais com a mesma precisão". É como afirma Ecléa Bosi, em *O tempo vivo da memória*: "[...] a apreensão plena do tempo passado é impossível, como o é a apreensão de toda a alteridade" (BOSI, 2003, p.53). Isso se torna bem claro se pensarmos não apenas na impossibilidade de Eulálio recontar a sua história, quanto a seu desconhecimento em relação ao outro, seja esse outro sua esposa, seu pai, a enfermeira que dele cuida etc, haja vista a dúvida que Eulálio tem sobre a fidelidade da esposa, sobre os relacionamentos do pai, sobre o que pensa realmente a enfermeira com quem ele quer casar, entre outras coisas. É claro que a inapreensão de toda a alteridade afeta a exata apreensão do tempo passado, e o que se tem são apenas impressões. Se a "realidade" já é filtrada num momento presente, tanto mais rala será então a apreensão do passado.

A consciência do narrador quanto ao aspecto fragmentário e subjetivo de suas próprias memórias chama a atenção. E embora o narrador às vezes se contradiga, afirmando às vezes que é capaz de se lembrar de tudo, como no trecho seguinte:

A memória é deveras um pandemônio, mas está tudo lá dentro, depois de fuçar um pouco o dono é capaz de encontrar todas as coisas. Não pode é alguém de fora se intrometer, como a empregada que remove a papelada para espanar o escritório. Ou como a filha que pretende dispor minha memória na ordem dela, cronológica, alfabética, ou por assunto. (BUARQUE, 2009, p.41)

O que se percebe, nos outros trechos, é o entendimento quanto à inexatidão da memória: “A própria fisionomia de Matilde, um dia percebi que eu começava a esquecer-la, e era como se ela me largasse novamente. Era uma agonia, mais eu a puxava pela memória, mais sua imagem se desfiava” (BUARQUE, 2009, p.136). Sobre a filha, que tinha a fisionomia de Matilde, e aos poucos foi parecendo menos com a mãe, há esse trecho de grande poesia:

Não era loucura minha, a Balbina também notava que cada dia você perdia mais um traço da mãe, e nesse passo já perdera todo o desenho original da boca, fora o negro dos olhos e a tez acastanhada. Era como se, na calada da noite, Matilde passasse para buscar suas coisas no rosto da filha, em vez dos vestidos no armário ou dos brincos na gaveta. (BUARQUE, 2009, p.94-5)

É nessa união entre reflexão e poesia que a história vai se configurando.

Eulálio não cansa de recontar sua história, como quando conheceu sua esposa na missa de sétimo dia de seu pai. Sabendo-se repetitivo, justifica-se da seguinte forma: “Se com a idade a gente dá para repetir casos antigos, palavra por palavra, não é por cansaço da alma, é por esmero. É para si próprio que um velho repete sempre a mesma história, como se assim tirasse cópias dela, para a hipótese de a história se extraviar” (BUARQUE, 2009, p.96). Percebe-se que o narrador faz um esforço muito grande para lembrar de sua história. É fundamental para ele reconstruir, ainda que de modo falho e fragmentário, as peças do quebra-cabeça de sua vida. Essa ânsia em fixar a própria história é explicada por Jeanne Marie Gagnebin em *Lembrar escrever esquecer*: “Num sentido ao mesmo tempo paradoxal e trivial, gostaria de dizer que os homens não são animais tão específicos porque possuem uma memória: mas somente porque se esforçam em não esquecer” (GAGNEBIN, 2006, p.192). Na voz de Gagnebin ecoa o que dissera já Aristóteles, em *Parva Naturalia*:

La memoria difiere de la reminiscencia no solamente por lo que se refiere al tiempo, sino porque, en los animales fuera del hombre, muchos tienen memoria, mientras que ningún animal, por así decirlo, posee la reminiscencia, excepción hecha del hombre. La causa de este privilegio es que la reminiscencia es una especie de silogismo. (ARISTÓTELES, 1993, p.78)

Henri Bergson, em *Matéria e Memória*, também falará sobre esse tema: “Para evocar o passado sob forma de imagens, é preciso poder abstrair-se da ação presente, é preciso atribuir valor ao inútil, é preciso sonhar. Talvez o homem seja o único ser capaz de um esforço desse tipo” (BERGSON, 1999, p.228)

Tido, pois, como uma necessidade humana, a reminiscência, ou o ato de querer se lembrar de fatos passados, está na origem das histórias contadas por Eulálio, que, já impotente para escrever suas memórias, recorre à enfermeira do hospital para pedir que as transcreva. E a necessidade não é só de lembrar, mas de gravar as lembranças pela escrita, já que *verba volant, scripta manent*. Mais que isso, é a luta contra o esquecimento que está por trás dessa carência, pois, como a morte é inevitável, há a ilusão de vencê-la pelas memórias impressas. Foi também contra o esquecimento que a *Ilíada*, epopeia que é berço da narrativa ocidental, já nos contara de Aquiles, que preferiu uma vida curta, mas gloriosa. De fato, seria para Eulálio uma pequena glória, mas uma glória, sentir que após a morte suas lembranças poderiam ainda ser lidas.

É importante observar como o narrador também joga, junto com histórias repetidas, novas informações e subjetividades, fazendo com que o leitor demore a distinguir umas das outras. Um exemplo é o motivo de Matilde abandonar a família. Pelo olhar ciumento de Eulálio parece haver uma traição. Como no clássico *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, e também no *São Bernardo*, de Graciliano Ramos, a dúvida paira no ar. O que se verifica mais adiante é a doença da esposa, tuberculose, motivo pelo qual cogita-se ela ter se afastado para se tratar, também com medo de que levassem a criança dali, preventivamente, por ser filha de uma tísica. Sabe-se depois que ela morrerá ainda jovem. Essas são lembranças que Eulálio quer evitar, mas não consegue:

“Com a idade a gente dá para repetir velhas lembranças, e as que menos gostamos de revolver são as que persistem na mente com maior nitidez” (BUARQUE, 2009, p.163). E ainda: “Mas se com a idade a gente dá para repetir certas histórias, não é por demência senil, é porque certas histórias não param de acontecer em nós até o fim da vida” (BUARQUE, 2009, p.184).

Beatriz Sarlo assim se posiciona a respeito da persistência da memória no presente:

Propor-se não lembrar é como se propor não perceber um cheiro, porque a lembrança, assim como o cheiro, acomete, até mesmo quando não é convocada. Vinda não se sabe de onde, a lembrança não permite ser deslocada; pelo contrário, obriga a uma perseguição, pois nunca está completa. A lembrança insiste porque de certo modo é soberana e incontrolável (em todos os sentidos dessa palavra). (SARLO, 2007, p.10)

Afora o fato de as lembranças muitas vezes virem ainda que não sejam evocadas, há o fato de o personagem ser um homem já velho e aposentado, com muitas experiências e tempo para ser possuído ainda mais pelas recordações. E as lembranças mais insistentes em Eulálio são relativas à sua família: sua esposa, sua filha, seus pais, neto, bisneto e tataraneto.

Reflete ainda o narrador sobre a própria mistura de tempo, personagem e espaço, além da inexatidão de suas memórias:

E debaixo do banho observei meu corpo fremente, só que neste momento minha cabeça fraquejou, não sei mais de que banho estou falando. São tantas as minhas lembranças, e lembranças de lembranças de lembranças, que já não sei em qual camada da memória eu estava agora. Nem sei se eu era muito moço ou muito velho, só sei que me olhava quase com medo, sem compreender a intensidade daquele meu desejo. E tive a sensação absurda de que, na minha mão, estava o pau duro do meu pai, mas é triste ser abandonado assim falando com o teto, ardendo de caxumba. (BUARQUE, 2009, p.138-9)

“Já não sei em qual camada da memória eu estava agora”. De fato, o narrador é tão cômico da desarrumação de seus pensamentos que, além das memórias que quer contar, faz ponderações sobre o próprio desalinhamento de tais lembranças. E justifica-se, noutra confusão de tempos:

E ela se encostava na parede da cozinha, a me arregalar os olhos negros, mas se calhar essa cena se passava quando ainda nem éramos casados, e não no tempo das coisas que eu vinha narrando. Não é culpa minha se os acontecimentos às vezes me vêm à memória fora da ordem em que se produziram. É como se, a exemplo da correspondência do doutor Blaubaum, algumas lembranças ainda me chegassem de navio, e outras já pelo correio aéreo (BUARQUE, 2009, p.188).

Bela metáfora para tais desajustes temporais: enquanto algumas lembranças chegam “de navio”, outras vêm “pelo correio aéreo”. E observe-se que as lembranças fazem com que Eulálio sinta no corpo as sensações evocadas. Bergson também escrevera, em *Matéria e Memória*: “A lembrança pura, à medida que se atualiza, tende a provocar no corpo todas as sensações correspondentes”. (BERGSON, 1999, p.152)

Ainda quanto à mistura de fatos e tempos, não há como esquecer o episódio do vestido, quando o narrador, ao lembrar do vestido de sua esposa Matilde, lembra também do vestido que seu pai comprara para a amante, dias antes de ser assassinado. Só oitenta anos depois do acontecido é que, pela memória, reconhece ou pensa reconhecer o vestido comprado pelo pai:

Na hora dei menos atenção ao vestido que à maneira como meu pai o agarrou, cheirou, alisou devagar, agitou a esmo, e mandou embrulhar para presente. Eu não poderia supor que, na noite seguinte, aquele vestido compareceria à última grande festa do casarão. Nem o distingui de outros tantos modelos azuis, quando passou debaixo do meu nariz, no corpo de uma mulher que entrava de braço com o marido na sala de música. (BUARQUE, 2009, p.87)

E mais adiante: “Somente hoje, oitenta anos passados, como um alarme na memória, como se fosse azul-celeste a cor de uma tragédia, reconheço na mulher o vestido rodado que meu pai comprou na véspera” (BUARQUE, 2009, p.87-8). Assim, se o tempo, por um lado, faz esquecer muita coisa, por outro parece analisar as situações vividas de uma maneira mais racional, o que levaria a desfazer alguns enigmas ou simplesmente a ter mais clareza sobre pontos desapercibidos. Bergson diz:

No que diz respeito à memória, o papel do corpo não é armazenar as lembranças, mas simplesmente escolher, para trazê-la à consciência distinta graças à eficácia real que lhe confere, a lembrança útil, aquela que completará e esclarecerá a situação presente em vista da ação final. (BERGSON, 1999, p. 209)

É bem verdade que a percepção atual pode alterar a lembrança, já que tal não passa de construção. Sabendo-se ainda que menos fidedigna é a recordação de um personagem ancião, que confunde os fatos e os tempos, o leitor saberá manter um distanciamento ainda maior da versão da história desse personagem de primeira pessoa. O próprio Bergson já o afirmara: “O que chamamos ordinariamente um *fato* não é a realidade tal como apareceria a uma intuição imediata, mas uma adaptação do real aos interesses da prática e às exigências da vida social” (BERGSON, 1999, p.213-4). É o que também observa William Stern, em *Psicologia Geral*:

A função da lembrança é conservar o passado do indivíduo na forma que é mais apropriada a ele. O material indiferente é descartado, o desagradável, alterado, o pouco claro ou confuso simplifica-se por uma delimitação nítida, o trivial é elevado à hierarquia do insólito; e no fim formou-se um quadro total, novo, sem o menor desejo consciente de falsificá-lo. (apud BOSI, 1994, p.253)

Mesmo “sem o menor desejo consciente” de falsificar o passado, com tantas construções e reconstruções muitas vezes confusas, o resultado é, de fato, “um quadro total, novo”.

Note-se ainda a fala sobre a solidão dos velhos, que não têm com quem conversar, e que por isso “há tantos velhos embatucados por aí”. Eulálio, a despeito de poder estar “falando às paredes”, fala sem parar, conta sua história a todos que encontra. Talvez como uma forma de evitar a solidão, age como se todos estivessem interessados em seu colóquio, embora perceba que isso é ilusão, e que na realidade sente-se como tantos velhos, “numa espécie de país estrangeiro” (BUARQUE, 2009, p.78).

Torna-se bastante evidente o tom um tanto orgulhoso do narrador ao falar com seus interlocutores, sejam eles reais ou imaginários. Por descender

de família aristocrata, transmite um sentimento de superioridade, ainda que esteja pobre e doente. Parece que todos devem estar a seu dispor. Até mesmo a responsável pelo hospital, com quem Eulálio fala inclusive sobre como deve pronunciar seu sobrenome. Como em outros temas, também o do sobrenome é bastante repetido no decorrer da narrativa. E também ela deve escrever suas memórias:

Também já lhe disse que o P de Assumpção é mudo. Se a senhora o pronuncia dá a impressão de deboche, parece insinuar que a minha é uma família de pernósticos. E já que está com papel e caneta na mão, não custa nada a senhora fazer uma minuta, para adiantar o serviço da sua funcionária. A coitada ganha uns caraminguás no plantão noturno, atende a todo mundo ao mesmo tempo, e ainda tem escrever minhas memórias. (BUARQUE, 2009, p.70)

Quando agoniza de dor não muda o tom: “Sinto uma queimação no esôfago, você me fez beber a soda e agora estou à morte. Mexa-se, não fique aí me vendo agonizar, pelo menos me dê minha morfina” (BUARQUE, 2009, p.127).

Porém Eulálio Montenegro D’Assumpção tem também seus momentos de sentimentalismo, quando o tratamento passa a ser mais carinhoso. Como exemplo há o início do romance, em que diz que pretende casar com a enfermeira que dele cuida:

Quando eu sair daqui, vamos nos casar na fazenda da minha feliz infância, lá na raiz da serra. Você vai usar o vestido e o véu da minha mãe, e não falo assim por estar sentimental, não é por causa da morfina. Você vai dispor dos rendados, dos cristais, da baixela, das jóias e do nome da minha família. Vai dar ordens aos criados, vai montar no cavalo da minha antiga mulher. (BUARQUE, 2009, p.5)

Mesmo nesse tom amigável, o ancião quer seduzir pelo poder, como na expressão “Vai dar ordens aos criados”.

Em outros momentos, ao mesmo tempo em que é sentimental, adulando a enfermeira por ela escrever suas memórias, tem um tom mal-humorado:

Se soubesse como gosto das suas cheganças, você chegaria correndo todo dia. É a única mulher que ainda me estima, se

você me faltar morro de inanição. Sem você me enterrariam como indigente, meu passado se apagaria, ninguém registraria a minha saga. Não estou aqui de baba-ovo, só me faltava essa, bajular enfermeiras, meramente repito o que disse aos meus advogados. (BUARQUE, 2009, p.119)

Por tal trecho vê-se sua preocupação em não deixar seu passado se apagar. Por isso faz questão de que alguém escreva suas memórias, ainda que elas falem de uma decadente genealogia. Tornou-se seu objetivo maior, e que a morte espere esse feito: “Muita vez de fato já invoquei a morte, mas no momento mesmo em que a vejo de perto, confio em que ela mantenha suspensa a sua foice, enquanto eu não der por encerrado o relato da minha existência”. (BUARQUE, 2009, p.184).

Consciente do absurdo de sua soberbia, reflete sobre o paradoxo:

Ouçó suas vozes, e posso deduzir que são pessoas do povo, sem grandes luzes, mas minha linhagem não me faz melhor que ninguém. Aqui não gozo privilégios, grito de dor e não me dão opiáceos, dormimos todos em camas rangedoras. Seria até cômico, eu aqui, todo cagado nas fraldas, dizer a vocês que tive berço. (BUARQUE, 2009, p.50)

E ainda:

Mal posso pagar meus cigarros, nem tenho trajes apropriados para sair de casa. Do meu último passeio, só me lembro por causa de uma desavença com um chofer de praça. Ele não queria me esperar meia horinha em frente ao cemitério São João Batista, e como se dirigisse a mim de forma rude, perdi a cabeça e alcei a voz, escute aqui, senhor, eu sou bisneto do barão dos Arcos. Aí ele me mandou tomar no cu mais o barão, desaforo que nem lhe posso censurar. (BUARQUE, 2009, p.50)

Na repaginação que faz de sua vida enquanto narra, Eulálio parece querer se redimir das atitudes grosseiras que teve com a amada Matilde através do novo modo que agiria com a enfermeira: “Quando sair daqui, vou levá-la comigo a toda parte, não terei vergonha de você. Não vou criticar seus vestidos, seus modos, seu linguajar, nem mesmo seus assobios” (BUARQUE, 2009, p.61).

Em seu artigo intitulado “O leite derramado de Matilde”, publicado na revista *Trópico*, Leyla Perrone-Moisés muito bem discorre sobre a força da

personagem feminina que, embora vista pelo olhar de Eulálio, possui marcantes traços:

As primeiras críticas publicadas sobre “Leite Derramado”, todas escritas por homens, não fizeram justiça à principal personagem da trama. Ora, o romance, para além de suas referências históricas e sociológicas, é a história de uma mulher que, embora exposta de modo indireto, pelas linhas tortas da memória do narrador, tem uma consistência e uma pungência excepcionais. (PERRONE-MOISÉS, 2009)

Sem dúvida, a maioria das críticas diz respeito ao aspecto sociológico do romance, que não é mero detalhe, mas que é um pano de fundo da análise da paixão e do sofrimento feminino, que Chico Buarque muito bem faz no romance como fez em suas canções, como também observou Leyla. Isso sem mencionar a escrita poética que flui na narrativa. Também poucos falam dessa poética da memória que é construída ao longo do romance. Ao mesmo tempo em que faz uma revisão de sua vida, reflete o narrador sobre a tênue constituição das memórias de um indivíduo, fazendo, assim, um discurso metamemorialístico.

Parece certo que *Leite Derramado* não poderia ter outro nome, a despeito de Rubem Fonseca ter aconselhado Chico Buarque a trocar o título (COLOMBO, 2009). Leite derramado na prosa, na inevitável queda da família D’Assumpção, no sofrido amor por Matilde. Mas é um derramamento na medida certa, com cada parte da estrutura da obra muito bem arrumada, ao contrário das lembranças do narrador.

## Referências

ARISTÓTELES. *Parva Naturalia*. Trad Jorge A. Serrano. Madrid: Alianza Editorial, 1993.

BERGSON, Henri. *Matéria e Memória*. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade*. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

\_\_\_\_\_. *O Tempo Vivo da Memória*. Ensaios de Psicologia Social. 2. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BUARQUE, Chico. *Leite Derramado*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

COLOMBO, Sylvia. Chega às livrarias *Leite Derramado*, novo livro de Chico Buarque. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 28 mar. 2009. Ilustrada.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Lembrar, Escrever, Esquecer*. São Paulo: Editora 34, 2006.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. O *Leite Derramado* de Matilde. *Trópico* (online). Disponível em: <http://p.php.uol.com.br/tropico/html/textos/3077,1.shl> Acesso em 8 mar. 2010.

SARLO, Beatriz. *Tempo Passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

---

Recebido em 20/02/2011 e publicado em 1/10/2011.